



A MULHER BRASILEIRA E A DESIGUALDADE DE GÊNERO¹

Jael Flávia de Paiva Araújo,

Discente do 4º ano de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG/CCSEH), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), jaelfpa@hotmail.com;

Poliene Soares dos Santos Bicalho

Doutora pela Universidade de Brasília (UnB) e docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás (UEG/CCSEH). Atualmente realiza Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-UnB (PPGAS-UnB). poliene.soares@hotmail.com.

Resumo: A invisibilidade da mulher na História é alvo de reflexões na atualidade, visto que, por muito tempo, a sua figura foi ocultada dos discursos acadêmicos, não sendo considerada como ser social que possui e produz a história da humanidade da mesma forma que o homem. A identificação da mulher como objeto da história ocorreu lentamente e por meio de iniciativas de historiadoras como Michelle Perrot, na década de 1970. No Brasil, muitos foram aqueles, que desde então, se disponibilizaram a escrever a história das mulheres e dos campos a elas associadas, como a História da Infância e a História da Família. Este trabalho buscou traçar a forma como a mulher brasileira foi tratada durante diferentes períodos históricos.

Palavras Chaves: Histórias das Mulheres; História e Imprensa; feminino em Goiás.

Introdução

A História das Mulheres é um campo de estudo pouco aprofundado, já que, por muito tempo, as mulheres foram tratadas apenas como figurantes pela história, jamais sendo tomadas como sujeitos detentores de uma identidade própria e, da mesma forma, tão importante para a humanidade como os homens. Por isso, faz-se importante o debruçar-se sobre os estudos da história de gênero. Segundo Scott, “‘Gênero’ é, (...) uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (1995, p. 14).

Perrot (2013) aponta a invisibilidade e o silenciamento das mulheres na história e na historiografia. Segundo a autora, ao iniciar um dos primeiros grupos de estudos sobre o tema em 1973, juntamente com Pauline Schmitt e Fabienne Bock, não sabia como e onde pesquisar e com quais métodos. Foi preciso criar e aprofundar, gerando discussões e quebrando paradigmas que serviram de experiências para novos estudiosos. A História das Mulheres

¹ Resumo expandido do primeiro capítulo do trabalho de conclusão de curso em andamento intitulado: *O Discurso Sobre a Mulher e a Voz da Mulher na Imprensa Goiana*, orientado pela prof. Dr^a. Poliene Soares dos Santos Bicalho.



possui estreita ligação com os movimentos feministas que ajudaram a romper, em vários âmbitos, a desigualdade de gênero, abrindo espaços para as mulheres no mercado de trabalho e dentro do próprio lar. O Brasil acompanhou estas transformações, mas valorizando as suas peculiaridades.

Objetivo(s):

Esta pesquisa tem como principal objetivo pensar a mulher além das relações de gênero, mas como condição humana, submetida ao contexto histórico no qual está integrada. Neste sentido, este trabalho visa fazer uma revisão da situação histórica da mulher brasileira para, posteriormente, conhecer vida da mulher goiana. O caminho escolhido para entender esta relação é a análise de textos publicados em revistas e jornais que, direta ou indiretamente, faz referência às mulheres, ou ainda aqueles que possuem colaboradores do gênero feminino. Nesta análise se faz necessário entender o que se entende como feminino e em que situações há uma imposição do que é considerado “próprio das mulheres”.

Metodologia

Segundo Rachel Soheit (1997), a história das mulheres foi impulsionada pelo movimento feminista, principalmente o estadunidense, a partir da década de 1960. Professores de universidades, em várias partes do mundo, aderiram aos ideais feministas. Na França começou a ser criada, a partir de 1973, a primeira revista destinada ao estudo de gênero, *Penélope. Cahiers pour l'histoire des femmes*; e, em seguida, houve um grande aumento nos níveis de trabalhos acadêmicos voltados para a temática, tornando um campo de pesquisa respeitável. Na Inglaterra os historiadores de gênero se encontravam nos *History Workshop* e nos Estados Unidos foi criado o *Women's Studies*, surgindo a *Signs* e a *Feminist Studies*.

Diante da origem de uma história das mulheres, na década de 1960, em que a mulher ainda era considerada uma mera vítima social, e o seu avanço rápido em 1970, com a historiadora Joan Scott há uma mudança de perspectiva em relação às mulheres, as quais se tornavam cada vez mais rebeldes e revolucionárias. Neste momento, a história das mulheres se tornou um campo da história social impossível de ser dissociado do movimento feminista. No seio do movimento feminista, o principal problema foi definir quem é a mulher. Por causa disso, a postura inicial do movimento feminista, o qual acreditava em uma identidade única da mulher, foi fragmentado, dando lugar à existência de múltiplas identidades. Diante das mudanças na atenção que se dá à questão da mulher e pelo avanço da própria historiografia,



Soihet chama a atenção: “Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também se introduzem novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros” (1997, p. 218).

Resultados e discussões

A sociedade brasileira, em sua origem patriarcal, impôs a mulher um lugar social restrito, ou seja, a mulher deveria se comportar como damas, mas vivendo dentro de seus lares e saindo apenas para ir às igrejas para acompanhar as missas e novenas. A origem da dominação masculina no Brasil é extremamente forte, principalmente no que se refere à relação patriarcal criada entre as senzalas e as casas grandes, apresentadas na principal obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (2003) e também em *Modos de Homens & Modas de Mulheres* (2009), em que Freyre aprofunda a discussão sobre a relação de gênero na formação do modo de ser do brasileiro. Mas esta relação é mais antiga. Entre os povos indígenas brasileiros encontram-se vestígios desta relação, como é narrado por Varnhagen, o Heródoto brasileiro, a seguir: “(...) A sorte da mulher era julgada tão inferior à do homem que muitas mães afogavam as filhas ao nascer” (*apud* ODÁLIA, 1979, p. 41). As mulheres indígenas sofreram não apenas pelo fato de ser nativa brasileira, e ser vista como um ser exótico pelo conquistador branco, mas também pela sua condição de gênero. As mulheres indígenas eram escravizadas pelo homem branco porque este acreditava ser um favor a ambos. A eles por se satisfazerem sexualmente, e a elas por estarem libertas de seus maridos. Esse ato cruel era o desfecho de várias causas de estupros e de perda de identidade do indígena, assim como o desaparecimento de algumas etnias.

Durante o Império, a criação simplória era imposta à mulher branca, principalmente se fosse da elite, sua preocupação fundamental deveria ser voltada para arranjar um bom casamento, de preferência com um médico, um advogado, um proprietário de terras ou um engenheiro. Por muito tempo, a formação intelectual para mulheres era mal vista, pois “pensar intelectualmente” era considerado uma característica masculina, assim como trabalhar fora, discutir política etc. A educação no Brasil mudará lentamente, assim, em 1827 foi permitido às mulheres frequentar escolas, e em 1879 as universidades. Por sua vez, apesar desses direitos assegurados constitucionalmente, as mulheres bem educadas serviam como adornos aos seus maridos, como é exemplificado em 1881 durante a abertura dos cursos para mulheres



do Liceu de Artes e Ofícios: “para que a filha seja obediente, a esposa fiel, a mulher exemplar, cumpre desenvolver a sua inteligência pela instrução e formar seu espírito na educação” (POLYANTHEIA *apud* MORAES, 2003, p. 498).

Este ambiente que se abria lentamente para a mulher foi propenso para que figuras femininas ilustres se revelassem nas artes das letras, como Nísia Floresta (1810 – 1885), Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806 – S/D), Maria Josefa Barreto (1775 – 1837), Delfina Benigna da Cunha (1791 – 1857) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847 – 1921). Todas estas mulheres publicaram em períodos difíceis para uma mulher se apresentar como escritora, e se tornaram vozes importantes para a emancipação da mulher no Brasil.

Já na década de 1930, Bertha Lutz contribuiu para que a luta de muitas mulheres trabalhadoras alcance, aos poucos, os direitos constitucionais. Em 1934 o estatuto da mulher destinava 10% da renda familiar como recompensa para as mulheres casadas que passavam os dias cuidando dos afazeres domésticos. Em 1960, os casamentos ilegítimos, mas consumados pela igreja, ganharam legitimidade oficial; e em 1977 a lei do divórcio entrou em vigor, criando responsabilidades ao pai e marido na educação das crianças, e dando o aparato necessário a mulher. Na Constituição de 1988 as mulheres ganham *status* de igualdade em relação ao homem; mas, mesmo assim, os homens ainda recebem salários maiores que o delas e, até a criação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06), que coíbe casos de violência contra a mulher, os casos de violências motivados por causa da diferença de gênero eram ainda mais alarmantes.

Considerações finais

Perrot (2013) chama a atenção para a diferença entre a História das Mulheres e as mulheres na História. Durante muito tempo as mulheres na História foram menos vistas do que os homens e, quando observadas, o era sempre por um olhar depreciativo que realçava o sexo como inferior. A sua presença, geralmente, era acompanhada por atos considerados indecentes e inapropriados para uma mulher da sociedade, salvo raras exceções. A revisão bibliográfica foi realizada tendo como base autores como Soihet (2013; 1997), Engel (2004; 2013), Moraes (2003), Telles (2013), e outros, que analisaram a situação da mulher em vários períodos da história do Brasil. Também foi utilizado como referenciais teóricos obras clássicas de historiadores consagrados da historiografia brasileira, como *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (2003) e *História* (1979), de Varnhagen. Com isso, é possível observar como as mulheres foram



retratas na historiografia, antes de sua história ter sido criada e suas lutas pelo reconhecimento.

Este estudo auxilia para que se possa reconhecer, de fato, as mulheres brasileiras e o seu papel na história e na historiografia, com todas as suas singularidades e pluralidades. A partir deste conhecimento, posteriormente, pretende-se compreender como a mulher goiana é compreendida na imprensa do estado de Goiás. A relação de desigualdade de gênero será analisada a partir dos pontos de vista dos jornalistas da Revista Oeste, da Informação Goyana e da Matutina Meiapontense, à luz do pensamento de Mill (2006) e Boudie (2014).

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014. (172 p.)

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Psiquiatria e Feminilidade**. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 48 edição revisada. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

_____. **Modos de homem & modas de mulher**. 2 ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

MILL, John Stuart. **A Sujeição das Mulheres**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Cidadania no Feminino**. In.: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania**. 2 edição. São Paulo: Contexto, 2003. (p. 495 - 515)

ODÁLIA, Nilo. “Varnhagen – história”. In. **Coleção Grandes Cientistas Sociais (09)**. SP: Ática, 1979. Seleção de textos de Varnhagen, p. 35 – 117.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. 2 ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOIHET, Rachel. **Feminismo e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

_____. **História das Mulheres**. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. 5 edição. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda., 1997.

TELLES, Norma. **Escritoras, Escritas, Escrituras**. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.